



# SONORIDADE E SORORIDADE: O TRABALHO IMATERIAL NA CARREIRA DE MULHERES PERTENCENTES A UM COLETIVO MUSICAL NA FRONTEIRA DA PAZ

SOUND AND SORORITY: IMMATERIAL LABOUR IN THE CAREERS OF WOMEN BELONGING TO A MUSICAL COLLECTIVE IN THE FRONTIER OF PEACE

SONIDO Y HERMANDAD: EL TRABAJO INMATERIAL EN LAS CARRERAS DE MUJERES PERTENECIENTES A UN COLECTIVO MUSICAL EN LA FRONTERA DE LA PAZ

## RESUMO

**Objetivo:** Analisar o trabalho imaterial na carreira de mulheres pertencentes a um coletivo musical na Fronteira da Paz, localidade como é conhecida a conurbação de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), devido à sua união geográfica, cultural, econômica e social.

**Desenho/metodologia/abordagem:** Foi realizado um estudo de caso qualitativo e descritivo (Godoi & Balsini, 2010; Godoy, 2010) do Proyecto Lunares Binacional, primeiro coletivo de mulheres artistas nessa localidade fronteiriça. A coleta e análise de dados foi realizada por triangulação entre pesquisa documental (Godoy, 2010), com análise dos posts das redes sociais Instagram e YouTube do coletivo; entrevista semiestruturada (Godoi & Mattos, 2010) com a fundadora; e grupo de discussão (Godoi, 2015) com quatro integrantes do coletivo.

**Resultados:** O coletivo surge em prol da carreira de mulheres cantoras, instrumentistas e produtoras culturais e acontece a partir do trabalho imaterial que se evidencia no empreendedorismo de si, na melhoria de *performance* artística e na criação de redes cooperativas com foco no gênero, na profissão musical e na cultura fronteiriça. A sonoridade é tida como a busca pela carreira artística harmoniosa e que valoriza aspectos do Brasil-Uruguai e a sororidade é tida como um elo de solidariedade entre as mulheres para combater a misoginia no mercado musical.

**Originalidade/valor:** O estudo evidencia o modo de operar do trabalho imaterial com ênfase na importância da sororidade na vida profissional das mulheres no contexto de um coletivo musical binacional mostrando como a cooperação é fundamental para o desenvolvimento e a resistência dessas artistas.

**Palavras-chave:** Trabalho imaterial. Redes de cooperação. Coletivo. Gênero. Carreiras em contexto.

**Rafaela Machado Braz**

Graduanda

Universidade Federal do Pampa - Brasil

[rafaelabraz.aluno@unipampa.edu.br](mailto:rafaelabraz.aluno@unipampa.edu.br)

**Laura Alves Scherer**

Doutora

Universidade Federal do Pampa - Brasil

[laurascherer@unipampa.edu.br](mailto:laurascherer@unipampa.edu.br)

---

**Submetido em:** 19/08/2024

**Aprovado em:** 04/12/2024

**Chamada Especial:** Gestão da Subjetividade nas Organizações: trajetória e contribuições de Christiane Kleinübing Godoi

**Como citar:** Braz, R. M., & Scherer, L. A. (2024). Sonoridade e sororidade: o trabalho imaterial na carreira de mulheres pertencentes a um coletivo musical na fronteira da paz. *Revista Alcance (online)*, 31(3), 17-36. Doi: [https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3\(set/dez\).17-36](https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3(set/dez).17-36)

OPEN ACCESS





## ABSTRACT

**Objective:** To analyze immaterial labour in the careers of women belonging to a musical collective in Border of Peace, a location known as the conurbation of Santana do Livramento (Brazil) and Rivera (Uruguay), due to their geographical, cultural, economic and social union.

**Design/methodology/approach:** A qualitative and descriptive case study (Godoi & Balsini, 2010; Godoy, 2010) of Proyecto Lunares Binacional, the first collective of women artists in this border location, was carried out. Data collection and analysis was carried out through triangulation between documentary research (Godoy, 2010), with analysis of the collective's Instagram and YouTube social media posts; semi-structured interview (Godoi & Mattos, 2010) with the founder; and discussion group (Godoi, 2015) with four members of the collective.

**Results:** The collective emerges in support of the careers of women singers, instrumentalists and cultural producers and is based on immaterial labour that is evident in self-entrepreneurship, the improvement of artistic performance and the creation of cooperation networks with a focus on gender, musical profession and border culture. Sound is seen as the search for a harmonious artistic career that values aspects of Brazil-Uruguay and sorority is seen as a link of solidarity between women to combat misogyny in the music market.

**Originality/value:** The study highlights the way immaterial labour operates with an emphasis on the importance of sorority in women's professional lives in the context of a binational musical collective, showing how cooperation is fundamental for the development and resistance of these artists.

**Keywords:** Immaterial labour. Cooperation networks. Collective. Gender. Careers in context.

## RESUMEN

**Objetivo:** Este ensayo teórico explora los objetivos: Analizar el trabajo inmaterial en las carreras de mujeres pertenecientes a un colectivo musical en Frontera de la Paz, localidad conocida como la conurbación de Santana do Livramento (Brasil) y Rivera (Uruguay), por su unión geográfica, cultural, económica y social.

**Diseño/metodología/enfoque:** Se realizó un estudio de caso cualitativo y descriptivo (Godoi & Balsini, 2010; Godoy, 2010) del Proyecto Lunares Binacional, el primer colectivo de mujeres artistas en esta localidad fronteriza. La recolección y análisis de datos se realizó mediante triangulación entre investigación documental (Godoy, 2010), con análisis de las publicaciones del colectivo en las redes sociales Instagram y YouTube; entrevista semiestructurada (Godoi & Mattos, 2010) con la fundadora; y grupo de discusión (Godoi, 2015) con cuatro miembros del colectivo.

**Resultados:** El colectivo surge en apoyo a las carreras de mujeres cantantes, instrumentistas y productoras culturales y se sustenta en un trabajo inmaterial que se evidencia en el autoemprendimiento, el mejoramiento del desempeño artístico y la creación de redes cooperativas con enfoque de género, de profesión musical y de cultura fronteriza. El sonido es visto como la búsqueda de una carrera artística armoniosa que valore aspectos de Brasil-Uruguay y la sororidad es vista como un vínculo de solidaridad entre mujeres para combatir la misoginia en el mercado musical.

**Originalidad/valor:** El estudio destaca la forma en que opera el trabajo inmaterial con énfasis en la importancia de la sororidad en la vida profesional de las mujeres en el contexto de un colectivo musical binacional, mostrando cómo la cooperación es fundamental para el desarrollo y la resistencia de estas artistas.

**Palabras clave:** Trabajo inmaterial. Redes de cooperación. Colectivo. Género. Carreras en contexto.



## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com diversas zonas fronteiriças, dentre elas, as cidades de Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, que funcionam como se fossem uma só, divididas apenas por uma linha imaginária, permitindo a livre circulação de pessoas para passear, interagir, comprar, estudar e trabalhar. A Fronteira da Paz, como esta localidade é conhecida, não é somente uma conurbação geográfica, mas uma união cultural, econômica e social entre os países. Nesse sentido, as atividades laborais nessa fronteira adquirem uma complexidade única, caracterizadas pelas trocas culturais que potencializam o desenvolvimento de carreiras fronteiriças no mercado de trabalho (Martins & Scherer, 2023). Contexto que se relaciona com as ideias de Calasans e Davel (2021), que afirmam que os valores e princípios formados através do convívio com a cultura comunitária são fundamentais na construção e direcionamento das carreiras dos indivíduos. Um exemplo são os artistas regionais que buscam, em suas carreiras, a valorização dos aspectos da referida localidade fronteiriça, como as mulheres na área da música, que é o foco desta pesquisa.

Todavia, as mulheres ainda enfrentam obstáculos no mercado de trabalho que são reproduzidos, percebidos e vividos de maneiras diferentes sob a ótica de gênero (Mayhofer, Meyrer & Steyrer, 2007; Moterani & Carvalho, 2016), através da disparidade salarial, por exemplo (Lima, 2018). Há também obstáculos simbólicos como o “teto de vidro”, uma barreira que bloqueia a ascensão de mulheres e minorias aos níveis superiores da hierarquia nas organizações (Lazzaretti & Godoi, 2013). Também ocorre a “parede de cristal”, que indica uma relação negativa entre gênero e idade, levando a estereótipos de inexperiência e imaturidade atrelados a mulheres jovens (Beltramin, Cepellos, & Pereira, 2022). Junto a isso, as mulheres podem desempenhar uma dupla jornada de trabalho, sendo as principais responsáveis pela criação dos filhos e cuidados com o lar, gerando sobrecarga e dificuldades no desenvolvimento de suas trajetórias profissionais (Lazzaretti & Godoi, 2013; Lima, 2018).

Esses desafios persistem ao longo da carreira das mulheres que, muitas vezes, se unem

em grupos para compartilhar experiências, oferecer apoio mútuo e buscar oportunidades de desenvolvimento, ainda mais em profissões em que há predominância masculina e as mulheres são menos valorizadas (Pagel & Mello, 2021; Caldas, 2022). Na economia atual, as redes de pessoas tornaram-se importantes estratégias sociais, pois promovem fluxos de ideias nos processos criativos, como se observa nos coletivos de indivíduos que se unem para impulsionar suas carreiras (Melo, 2015). Segundo Rocha (2009, p. 170), os coletivos são definidos como “agrupamentos que desenvolvem processos criativos e ações colaborativas, bem como discursos sobre as condições e os propósitos políticos de suas ações”.

Essa rede de cooperação, que ajuda a romper barreiras, criando um ambiente de apoio no qual as mulheres possam se fortalecer mutuamente, apresenta-se como uma característica importante no conceito do trabalho imaterial. Segundo Lazzarato e Negri (2001, p. 50), o “trabalho imaterial se constitui em formas imediatamente coletivas e não existe, por assim dizer, senão sob forma de rede e fluxo”. Há uma relação entre as redes sociais e o trabalho afetivo, isto é, ao mesmo tempo em que o trabalho afetivo cria as redes, as redes criam o trabalho afetivo, e isto está no cerne do trabalho imaterial (Pelbart, 2000). É no trabalho imaterial que se concentra a criação conjunta de conhecimento, imagens e afetos, sendo que uma nova forma de subjetividade é relevante nessa nova configuração laboral, destacando as capacidades que vão além da força física e envolvem aspectos subjetivos, dos modos de vida dos indivíduos na produção dos seus trabalhos (Mansano, 2009).

Nesse sentido, parte-se da ideia que o trabalho imaterial é inerente ao contexto em que mulheres artistas de uma região fronteiriça entre Brasil e Uruguai se unem em busca de rede de apoio para suas carreiras e da valorização dos aspectos que constituem suas vidas como sua realidade social e cultural. Logo, delineou-se o objetivo geral: analisar o trabalho imaterial na carreira de mulheres pertencentes a um coletivo musical na Fronteira da Paz. Para isso, foi realizado um estudo de caso do Proyecto<sup>1</sup> Lunares Binacional,

1 O nome do coletivo é originalmente escrito em espanhol “Proyecto Lunares Binacional”, podendo ser traduzido para o português como “Projeto Lunares Binacional”.



um coletivo destinado a mulheres que trabalham na área da música, sendo esse o primeiro na localidade fronteira Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), criado em dezembro de 2019.

Cabe mencionar que já existem estudos sobre trabalho imaterial de carreiras artísticas. Melo (2015), por exemplo, fala sobre artistas empreendedores na economia criativa do trabalho imaterial comparando resultados entre Brasil e Inglaterra; Lopes (2022) retrata as relações de trabalho de músicos eruditos no Brasil; e Biehl (2018) apresenta o trabalho imaterial de músicos da cena autoral e independente em Porto Alegre. Este trabalho diferencia-se, pois, aborda o trabalho imaterial de mulheres na carreira musical que fazem parte de um coletivo em um contexto de fronteira entre países, contribuindo para a literatura ao integrar perspectivas relacionadas à carreira, trabalho imaterial, gênero e cultura fronteira.

Ademais, esta pesquisa apresenta relevância social com implicações práticas ao oferecer insights aplicáveis em políticas públicas binacionais. O foco em mulheres na área da música em um contexto de coletivo na fronteira Brasil-Uruguai amplia o escopo de compreensão sobre o trabalho imaterial nas carreiras artísticas valorizando o trabalho desses coletivos. Isso permite uma análise de política pública mais ampla dos desafios e oportunidades no mercado de trabalho levando em consideração não apenas aspectos econômicos, mas também territoriais, sociais, culturais e de gênero.

## **INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL NAS CARREIRAS**

A carreira de um indivíduo pode ser entendida como a sequência de posições e experiências ao longo do tempo, relativas a trabalho e estudo (Dutra & Veloso, 2013) e o contexto em que o indivíduo está inserido pode impulsionar ou retrair tais experiências (De Vos, 2024). Nesse sentido, a carreira não tem mais características tradicionais de linearidade e sequência de cargos em uma mesma empresa, pois, atualmente, se sobressai a era conhecida como VUCA, de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade (Woltés & Fernández-Mesa, 2022), e pelo

contexto BANI – frágil, ansioso, não-linear e incompreensível – que impulsiona o indivíduo a buscar mais flexibilidade e versatilidade em suas carreiras. Esse ambiente de transformações passa, então, a se apresentar marcado, também, pela autogestão da sua carreira (De Vos, 2024) e pela capacidade de resiliência necessária para líderes e trabalhadores em um sistema que se apresenta frágil e repleto de ansiedades, algo que ficou ainda mais evidente no cenário pós-pandemia (Rodríguez Vieira, Maiuri Del Buono, & Díaz, 2024).

Além do cenário geral apresentado, há também aspectos contextuais específicos como o social e o cultural que desempenham papéis importantes no desenvolvimento das carreiras, dentre eles: o “gênero”, pois se percebe a desigualdade salarial e a disparidade nas oportunidades de crescimento profissional entre homens e mulheres no mercado de trabalho; a “raça/etnia”, pois há uma redução de oportunidades no âmbito profissional com base na discriminação racial; a “demografia”, pois destaca o contexto mais amplo em que indivíduos e organizações funcionam, as regiões que servem como referência para discussão do comportamento vocacional; e os “fatores comunitários”, pois são agentes da integração dos indivíduos e o meio no qual estão inseridos na comunidade local, civil, política e religiosa, sendo relevante para as carreiras individuais (Mayrhofer, Meyer, & Steyrer, 2007).

Assim, as carreiras devem ser analisadas através de seu contexto, pois são o produto de estruturas sociais como organizações/instituições e, por sua vez, (re)produzem essas estruturas (Gunz, Mayrhofer, & Tolbert, 2011). Montanari *et al.* (2021) exemplificam essa ideia, ao mostrar como o contexto de uma cidade pode influenciar no sucesso da carreira de trabalhadores criativos ao longo do tempo. Tais trabalhadores utilizam a criatividade como principal insumo para o seu trabalho, e indicam que o sucesso subjetivo está intrinsecamente ligado à necessidade de reconhecimento, que é influenciado pela identidade da cidade.

Calasans e Davel (2021) abordam sobre o impacto do contexto sociocultural nas carreiras em seu estudo sobre gestão de carreiras criativas do ramo musical. A cultura representa a maneira como esse indivíduo se vê, considerando seus



valores e aspectos de sua personalidade e a visão está vinculada aos objetivos de carreira desse indivíduo e à maneira como ele deseja ser visto pela sociedade. A cultura comunitária pode impactar as carreiras de formas distintas: focando na gestão cultural para preservar a cultura local e agregando valor ao seu trabalho artístico na incorporação de elementos musicais tradicionais. Também evidencia o impacto da liderança coletiva nas carreiras criativas, em que a gestão é realizada em conjunto, sendo um processo de interação social que busca dividir tarefas e compartilhar responsabilidades.

Outro estudo nessa linha é o de Martins e Scherer (2023) que analisou como o hibridismo cultural permeia as carreiras dos profissionais da música e da gastronomia em uma região da fronteira entre Brasil e Uruguai, partindo da premissa que as carreiras são moldadas pelo contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos, considerando elementos como origem familiar e territorial. Esses são elementos distintivos da identidade cultural fronteiriça como as famílias híbridas (*doble chapa*), experiências de infância compartilhadas, o uso de portunhol, culinária campeira e manifestações artísticas. Essa identidade cultural fronteiriça tem papel significativo no desenvolvimento pessoal e profissional desses indivíduos, impulsionando e fortalecendo o crescimento de suas carreiras. Tais nuances da subjetividade dos indivíduos podem ser atreladas ao trabalho imaterial.

## TRABALHO IMATERIAL

Lazzarato e Negri (2001, p. 46) explicam que a noção teórica de trabalho imaterial reside na forma de reprodução da subjetividade, que “produz acima de tudo uma relação social (uma relação de inovação, de produção, de consumo) e somente na presença desta reprodução a sua atividade tem um valor econômico”. Sobre a formação de relações sociais, Mansano (2009) apresenta ideia semelhante, ao dizer que o trabalho imaterial envolve a transformação do ser humano, por meio da aquisição de conhecimentos e da interação com o contexto social, através dos vínculos afetivos construídos nos encontros sociais como propósito do trabalho, formando redes de cooperação.

Complementarmente, Pelbart (2000, p. 43) ressalta que “trabalho imaterial é trabalho afetivo no sentido em que seus produtos são intangíveis: um sentimento de tranquilidade, bem estar, satisfação, excitação, paixão ou até mesmo a sensação de estar simplesmente conectado ou de pertencer a uma comunidade” formada por laços, isto é, que atua coletivamente.

Estudos empíricos mostram o trabalho imaterial em diferentes cenários. Pagel e Mello (2021), por exemplo, abordam sobre a mobilização de mulheres em grupo, em ambientes *on-line* e *off-line*, organizadas em forma de coletivo. Pode-se inferir do estudo que o trabalho imaterial de redes feministas se apresenta em uma complexa teia de afetos e sororidade via meios de comunicação digitais, diversidade de feminismos, interseccionalidade, transformando a pluralidade dos sentidos de ser mulher no século XXI. Assim, o trabalho imaterial das redes feministas, ao mesmo tempo que produz conhecimento e reivindicação, pode contribuir para reordenar a sociedade.

Também há estudos sobre trabalho imaterial específicos do campo artístico e musical, como o de Melo (2015), que analisou artistas empreendedores de diferentes vertentes. A vontade de desenvolver suas obras faz com que esses artistas se tornem empresários de si mesmos, pois é o que possibilita a realização da sua arte de forma autoral e independente, sem precisar seguir padrões de grandes empresas contratantes. Essa capacidade de empresariar a si mesmo produz riquezas sociais e econômicas para trabalhos que antes eram invisibilizados, como o artístico. É a economia “do chamado ‘trabalho imaterial’, aquele que, como as artes, coloca em primeiro plano o pensamento, a imaginação, o cuidado, a cognição e o afeto” (Melo, 2015, p. 14).

Lopes (2022) retratou as configurações das relações de trabalho de músicos eruditos. O autor refere-se ao trabalho imaterial dos músicos eruditos como uma mercadoria, que não pode ser quantificada, estocada ou objetivada, pois esse trabalho envolve qualidades de comportamento, expressão e imaginação, bem como técnica e criação intrinsecamente ligadas a fatores ideológicos e econômicos. Outro aspecto foi



a dependência de incentivos do governo para realizar projetos, como leis e políticas de incentivo à cultura. Para isso, os músicos eruditos se unem em redes cooperativas, que é uma característica do trabalho imaterial, “para pensar em estratégias e diálogos permanentes com o Estado” que possam atenuar as incertezas e fomentar uma maior estabilidade em suas carreiras (Lopes, 2022, p. 58). O que corrobora com o estudo de Watson, Watson e Tompkins (2022) sobre como os artistas independentes precisam se adaptar e construir redes para sustentar sua carreira, especialmente considerando a precariedade financeira, reflete a ideia de Lopes (2022) sobre a necessidade de estratégias colaborativas (como redes cooperativas) para mitigar as incertezas do mercado musical e desenvolverem carreiras financeiramente autossustentáveis. A dependência dos incentivos financeiros, por exemplo, nas plataformas de *streaming* e nas redes sociais, é um paralelo com o que Lopes diz sobre a dependência dos músicos eruditos dos incentivos estatais e de políticas culturais para garantir estabilidade em suas carreiras.

Já o estudo de Biehl (2018) é o que mais se aproxima desta pesquisa, pois teve como foco o trabalho imaterial de músicos da cena autoral e independente. A autora conclui que o trabalho imaterial nessa profissão é tomado pelas vivências pessoais e profissionais dos indivíduos ao longo da vida. Para enfrentar desafios na realização de seus trabalhos, divulgação e distribuição, os músicos empregam estratégias de viver a vida em busca de afinação em um contexto cada vez mais influenciado pelo consumismo, então é preciso estar atento; ser flexível; resistir pelo mínimo a favor da sua arte; fugir da aprovação virtual; manter o domínio de si; ressonar pela cena autoral; fazer além; fazer render o máximo; manter-se *on-line* para divulgar-se; fazer *off-line* para realizar a produção pré-musical; cooperar com os pares e com o público.

Diante do exposto, torna-se evidente que as estratégias adotadas pelos músicos da cena autoral e independente refletem não apenas as demandas do mercado, mas também as experiências individuais, interações sociais e culturais presentes no seu trabalho.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar o trabalho imaterial na carreira de mulheres pertencentes a um coletivo musical na Fronteira da Paz, foi realizado um estudo de caso descritivo, de abordagem qualitativa. Para Godoi e Balsini (2010), a pesquisa qualitativa objetiva explorar e compreender fenômenos complexos, a partir da perspectiva dos indivíduos envolvidos, oferecendo uma visão detalhada e contextualizada dos processos. Essa abordagem é interpretativa, focando em como os participantes constroem significados e como suas experiências são moldadas por contextos socioculturais específicos.

O estudo de caso seguiu orientações de Godoy (2010). A autora, que se fundamenta nos estudos de Stake, Yin e Merriam, entende que esta estratégia de pesquisa é empregada para entender profundamente uma situação e seu significado para os envolvidos, sendo caracterizada como descritiva, ao fornecer um relato detalhado de um fenômeno social. “Os estudos de caso também são usados em pesquisas comparativas *cross-cultural*, que buscam estudar como pessoas de diferentes países, regiões ou culturas se apropriam de determinados conceitos significativos orientadores de seu comportamento” (Godoy, 2010, p. 128), o que se alinha a esta pesquisa. O caso em estudo é o Proyecto Lunares Binacional, um coletivo que objetiva realizar eventos, a fim de promover união artística entre mulheres sendo o primeiro projeto da fronteira Fronteira da Paz, Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), promovendo oportunidades de profissionalização e inserção no mercado da música.

Quanto à coleta de dados, Godoy (2010) afirma que o estudo de caso qualitativo é multimétodo por excelência, logo, foram utilizadas variadas fontes: pesquisa documental, entrevista semiestruturada individual e grupo de discussão. Inicialmente, foi realizada a pesquisa documental para analisar *posts* das redes sociais Instagram e YouTube do coletivo. Os elementos observados foram imagens, vídeos e textos nos *posts* publicados entre novembro de 2020 e agosto de 2023 (período do primeiro ao último *post*). Segundo Godoy (2010), o exame de documentos é impor-



tante, pois amplia e corrobora as evidências de outras fontes. Alguns *posts* foram utilizados nas análises para ilustrar o trabalho imaterial do coletivo.

Na sequência, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a fundadora do Proyecto Lunares Binacional. De acordo com Godoi e Mattos (2010), a entrevista qualitativa é um evento de intercâmbio dialógico, que leva em conta o contexto social e cultural do entrevistado. Esse enfoque é crucial para captar a complexidade das experiências e percepções individuais. A entrevista foi realizada por videoconferência em abril de 2024 e teve duração de uma hora. Dentre as modalidades de entrevista qualitativa descritas por Godoi e Mattos (2010), optou-se pela que é baseada em roteiro e permite flexibilidade ao entrevistador.

Também foi realizado um grupo de discussão que, conforme Godoi (2015), é uma prática grupal de pesquisa qualitativa, com origem na sociologia crítica espanhola, que busca compreender a produção de sentidos coletivos, incorporados nas trajetórias individuais, de caráter não prescritivo, mas dinâmico ao contexto da pesquisa. Todas as vinte participantes das duas edições do Lunares foram convidadas, mas somente quatro tiveram disponibilidade: três oficinas/alunas e uma aluna. Uma das autoras atuou como moderadora. O grupo de discussão foi por videoconferência em maio de 2024, com duração de uma hora e meia. Seguindo Godoi (2015), utilizou-se a estratégia de situação discursiva "aberta", também chamada de "ordenada", em que o moderador se esforça para se tornar invisível. Para isso, um roteiro com questões temáticas sequenciais foi utilizado apenas como disparador da fala das participantes de modo espontâneo e desordenado, com pouca influência da moderadora na conversa, deixando o discurso livre entre as participantes. A partir da conversa e seus matizes, buscou-se compreender o consenso do grupo. Salienta-se que homogeneidade e simetria são características da formação do grupo de discussão, de modo a evitar relações de dominação, por isso optou-se por fazer a entrevista com a fundadora do coletivo separadamente.

O contato com as participantes foi através dos aplicativos Whatsapp e/ou Instagram. As entrevistadas autorizaram a utilização do nome do coletivo e dos seus nomes próprios, mediante termo de consentimento, pois, para ilustrar o trabalho imaterial, ao longo dos resultados, são citados alguns de seus trabalhos autorais, que necessitam de crédito de autoria. Ademais, a primeira versão finalizada da pesquisa foi entregue às participantes para leitura e possibilidade de *feedback*.

A entrevista individual e o grupo de discussão foram gravados em arquivos de áudio, os quais foram transcritos, totalizando 30 páginas de material para análise. Godoy (2010) indica que, na técnica de análise em estudos de caso qualitativos, os dados são segmentados em unidades relevantes, que mantêm a conexão com o todo, guiando o processo de análise. Os segmentos são categorizados conforme um sistema de organização derivado dos próprios dados. A principal ferramenta intelectual é a comparação, utilizada em todas as tarefas analíticas para formar categorias, estabelecer fronteiras e atribuir segmentos de dados às categorias. Nesse sentido, foram elaboradas categorias com base nos objetivos do estudo, isto é, nas características proeminentes do trabalho imaterial do coletivo de mulheres artistas: contexto do surgimento do coletivo; características do trabalho imaterial propiciadas pelo coletivo; e cultura fronteiriça enquanto manifestação do trabalho imaterial do coletivo. As categorias foram analisadas com a triangulação dos dados dos documentos, entrevista individual e grupo de discussão, à luz do referencial teórico.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção inicia com a apresentação do perfil das participantes e, na sequência, as categorias analíticas.



**Figura 1**  
*Perfil das entrevistadas*

Nome	Nacionalidade	Cidade natal / de residência	Idade	Profissão	Atividades que desenvolve	Formação	Cargo no coletivo	Edições de atuação no coletivo
ENTREVISTA COM A FUNDADORA								
Carolina	Brasileira (pela parte da mãe) e Uruguaia (pela parte do pai)	Santana do Livramento, RS / Montevidéu, UR	30	Internacionalista	Cantora, docente de línguas estrangeiras, gestora e produtora cultural	Relações Internacionais – UNIPAMPA, Música no Conservatório em Rivera	Idealizadora – Produtora geral	2020 e 2023
PARTICIPANTES DO GRUPO DE DISCUSSÃO								
Dida	Brasileira	Santana do Livramento, RS / Porto Alegre, RS	29	Professora de canto	Cantora, compositora, professora de canto, arranjadora musical	Licenciada em Música, Bacharel em Canto, Mestre em Educação - UFSM	Oficineira	2020
Bárbara	Brasileira	Santana do Livramento, RS / Santana do Livramento, RS	36	Artista visual, Professora e Produtora cultural	Trabalhos artísticos, Produção Cultural, Oficinas de artes	Licenciada e Mestre em Artes Visuais - UFPEL	Oficineira	2023
Silvana	Brasileira	Belford Roxo, RJ / Santana do Livramento, RS	35	Analista de tecnologia em uma empresa	Comunicação corporativa na área da tecnologia; Cantora e produtora	Internacionalista Economista - UNIPAMPA e Mestre em Comunicação - UnB	Oficineira	2020 e 2023
Rosilene	Brasileira	Engenheiro Beltrão, PR / Santana do Livramento, RS	52	Estudante	Estuda para concurso, Cantora voluntária em igreja	Administração e Direito - UNIPAMPA	Aluna	2020

Fonte: elaboração própria (2024).

Das mulheres participantes, quatro são brasileiras, e uma é *double chapa*, isto é, tem nacionalidade brasileira e uruguaia. A faixa etária varia entre 29 a 52 anos e todas têm ensino superior. Todas desempenham múltiplas atividades artísticas: cantoras, compositoras, instrumentistas, arranjadoras, professoras, gestoras e produtoras culturais. Carolina e Dida têm formação (educação formal) na área da música, as demais, em outras áreas.

Salienta-se que somente Dida vive exclusivamente da música, as demais atuam em outras áreas. Silvana atua na área da tecnologia, Carolina é professora de idiomas, Bárbara é artista visual e Rosilene estuda para concurso. Dida, Caro-

lina, Silvana e Bárbara veem a música como fonte de renda. Rosilene não exerce atividade artística remunerada, canta na igreja como trabalho voluntário.

Embora, no momento da pesquisa, nem todas tenham residência em Santana do Livramento/Rivera, elas frequentemente vêm para a fronteira por terem relações familiares, e para organizar e atuar nas edições do coletivo. Carolina e Silvana participaram das duas edições em 2020 e 2023. Carolina com o cargo de produtora geral do projeto. Silvana participou da primeira edição como patrocinadora e aluna do projeto e da segunda, comoicineira de canto coral. Dida e Bárbara participaram de uma edição do coletivo,



Dida como oficinaira de canto e Bárbara, oficinaira sobre feminismo e mulheres na arte e na música. Rosilene participou de uma edição como aluna.

## CONTEXTO DO SURGIMENTO DO PROYECTO LUNARES BINACIONAL

### a) Concepção do Coletivo

O Proyecto Lunares Binacional é um coletivo que promove atividades organizadas por edições e, conforme retratado na sua rede social Instagram, surge como uma “oportunidade de profissionalização e inserção no mercado da música para mulheres [...] artistas, cantoras e cantautoras”. É uma iniciativa pioneira na fronteira Brasil-Uruguai, nas cidades de Santana do Livramento e Rivera, caracterizado como um espaço híbrido culturalmente, onde práticas artísticas e linguísticas se entrelaçam em um ambiente único de interação. A atuação do coletivo Lunares

no contexto fronteiriço Brasil-Uruguai reflete um momento único em que as políticas culturais de ambos os países favorecem a integração artística entre as duas nações. O apoio de recursos públicos e a mobilidade transnacional se tornaram elementos fundamentais para o desenvolvimento de carreiras de artistas na região fronteiriça, com a criação de espaços e plataformas de intercâmbio e colaboração. Essas condições recentes permitem uma fluidez nas carreiras artísticas, onde o trabalho de artistas fronteiriças pode se expandir para além das fronteiras políticas, favorecendo uma identidade binacional.

O projeto tem como objetivos: (i) democratização do acesso à formação artística e formação de artistas locais; (ii) promover intercâmbios de ideias e experiências; (iii) impulsionar a criação coletiva entre mulheres; (iv) fomentar redes de solidariedade e apoio entre mulheres na cena musical fronteiriça, conforme pode ser visto nos *posts* do Instagram.

**Figura 2**

*Posts do Instagram com os objetivos do coletivo.*



Fonte: Instagram do Proyecto Lunares Binacional.



O foco em mulheres no contexto transfronteiriço adiciona uma dimensão de sororidade e resiliência a esses objetivos, evidenciando como iniciativas culturais podem desafiar estruturas históricas de exclusão de gênero. Estudos sobre coletivos femininos em contextos urbanos (ex: Rocha, 2009) apontam para a importância da construção de redes de apoio em espaços de produção cultural. No caso do Proyecto Lunares, essa rede ganha ainda mais relevância, pois transcende fronteiras nacionais, criando uma teia de solidariedade entre brasileiras e uruguaias que enfrentam barreiras específicas, como a desigualdade de acesso a oportunidades e visibilidade na indústria musical em função do gênero.

A idealizadora do Proyecto Lunares, Carolina, conta que o coletivo emergiu de “uma inquietação pessoal e do desejo de somar forças, apoiando mulheres”. Assim, dedicou-se na sua capacitação em gestão de projetos e indústria da música, visando a se inserir de forma profissional no setor, o que, de antemão, já evidencia características do trabalho imaterial, quando o contexto demanda do indivíduo a capacidade de empreender a própria carreira (Lazzarato & Negri, 2001).

Os eventos do Lunares ocorrem a partir de financiamento governamental, principal fonte financeira para muitos coletivos (Rocha, 2009). Já ocorreram duas edições, uma em 2020, com quatro participantes e outra, em 2023, com 16 participantes, brasileiras, uruguaias e *double chapas*. Nas duas edições, o coletivo recebeu apoio do Fondo Regional para La Cultura, disponibilizado pelo Ministério de Educação e Cultura do Uruguai. Carolina contou com o apoio de Silvana na submissão do projeto, por ter experiência com texto e comunicação, mostrando o início da rede de cooperação, outra característica do trabalho imaterial (Mello, 2015). A gestão do coletivo é feita pela idealizadora distribuindo os recursos conforme as atividades desenvolvidas:

“A função de gestão são a produção geral e a assistente de produção, mas depois tem outras funções que são contratadas, por exemplo: designer gráfico que vai fazer as artes do projeto, e os oficinairos/professores que são contratados para dar as aulas, aí são vários papéis de acordo

com as oficinas. Foram sete oficinas e oito oficinairos, então envolveu bastante trabalho, eu sei que está num nível micro, eu reconheço isso, mas para já ter tido uma segunda edição já é um avanço muito importante” (Carolina).

A ampliação das atividades na edição de 2023 evidencia o sucesso do coletivo em se consolidar como uma plataforma de capacitação e integração cultural. Essa segunda edição cresceu em relação à primeira, ocorrendo durante três finais de semana de imersão na Casa de la Cultura de Rivera. As participantes receberam treinamentos em composição, manutenção de instrumentos, marketing e gestão de carreira, expressão corporal, canto e sonorização. Também abriu cotas para escritoras e poetisas interessadas em aprender a escrever canções. O encerramento culminou em um sarau poético-musical, no qual as participantes compartilharam suas aprendizagens com a comunidade fronteiriça.

Nota-se que, embora existam outras iniciativas culturais transnacionais, o Lunares se distingue por sua proposta inovadora e multidimensional de integrar a cultura binacional, trabalhando com diferentes formas de expressão artística e linguística. Enquanto projetos semelhantes podem focar em um aspecto único, como a música ou as artes visuais, o Lunares une essas diferentes manifestações em uma **narrativa fronteiriça única pela voz de mulheres**. A utilização de **portunhol**, um fenômeno linguístico que integra as línguas do Brasil e do Uruguai, é uma marca distintiva que coloca o coletivo em uma posição única em relação a outros grupos que operam na mesma região.

## **b) Desafios na carreira musical que levaram à formação do coletivo**

Durante suas trajetórias musicais, as artistas mencionaram muitas dificuldades: **machismo, falta de incentivo político público, desunião entre os profissionais, falta de formação para os artistas**.

O preconceito vivido por mulheres especialmente em regiões culturalmente conservadoras, como a Fronteira da Paz Brasil-Uruguai, foi um dos principais motivos que incentivou a



criação do projeto. As mulheres jovens, em particular, enfrentam desafios adicionais no reconhecimento e valorização de seu trabalho (Beltramin, Cepellos, & Pereira, 2022). Estereótipos de gênero podem influenciar a percepção do público e dos gestores sobre a competência e a seriedade (Lazzaretti & Godoi, 2013) das musicistas. Tais aspectos teóricos podem ser observados nos relatos das entrevistadas e no *post* do Instagram: “a participação e profissionalização das mulheres na música é considerada menor em relação aos homens. Nos festivais em massa, a participação das mulheres no palco é escassa”.

### Figura 3

#### *Post do Instagram sobre a participação das mulheres em festivais*

lunaresbinacional SABÍAS QUE...?

La participación y profesionalización de las mujeres y disidencias en la música, es considerablemente menor respecto a los varones.

En los Festivales masivos la participación de las mujeres sobre el escenario es escasa o nula, como por ejemplo la Semana de la Cerveza 2019 (2 mujeres en 34 presentaciones) y el Festival Minas y Abril 2019 (no hubo mujeres dentro de la grilla).

!! En nuestra frontera, en el Choriceva del año 2018, sólo había UNA mujer entre todas las bandas de la grilla.

En el año de 2019 eran DOS mujeres dentro de la grilla.

Proyecto Lunares quiere promover el intercambio de ideas y experiencias entre mujeres que están activas en la música en el circuito cultural de la frontera. Queremos conocer sus trayectorias, hacer con que puedan compartir experiencias y crear vínculos.

Las inscripciones van hasta el día 29/11!

No lo dejes para el último momento! Mandá un video tocando y cantando una de tus canciones autorales, llená el formulario y listo! Las bases están disponibles en:

<https://linktr.ee/lunaresbinacional>

#mujeresenlamusica #mulheresnamusica #fronteira #rivera #livramento #uruguay #brasil #lunaresbinacional #educacao #sororidade #arte #formação #capacitacaoprofissional #artistas

Fonte: Instagram do Proyecto Lunares Binacional.

Carolina comenta que isso é evidenciado em vários momentos:

“Pela questão de gênero, atuando no setor musical na fronteira, se sofre várias barreiras, porque a música ainda é meio muito machista. Eu era a única mulher muitas vezes que estava liderando bandas, liderando projetos musicais, trabalhando na noite, questão que muitas vezes é malvista por uma sociedade conservadora como Livramento” (Carolina).

Embora as formas de discriminação contra as mulheres estejam mais sutis, elas estão presentes. A misoginia – aversão às mulheres – tem raízes históricas profundas e persistentes, sendo essencial compreender sua historicidade para reconhecer que se trata de uma construção social, e não um fato natural (Moterani & Carvalho, 2016). Esse foi o motivo pelo qual Silvana decidiu entrar no coletivo: “Percebi que as mulheres estão em pouca quantidade nesses ambientes. Existe uma questão estrutural do porquê não estamos nesses ambientes, precisamos nos fortalecer, nos conhecer e nos apoiar mais, dar mais visibilidade uma à outra”. Muitas mulheres não têm a oportunidade de refletir sobre como o gênero influencia suas carreiras na música. Para incentivar essa reflexão, o coletivo realizou uma roda de conversa, como atividade de acolhida, sobre feminismos e as mulheres na música. Carolina explana sobre o tema:

“A gente faz esse momento de partilha de boas-vindas para que depois isso já possa estar solucionado, e elas possam abrir a mente para focar em aprendizagens que são as outras oficinas que o projeto contém, porque, muitas vezes, a gente não é ensinada a seguir esse caminho da música como uma profissão. Por ser mulher a gente fica constrangida de fazer algumas coisas” (Carolina).

Outro desafio é a falta de financiamento e apoio governamental. O setor da música na fronteira enfrenta a ausência de uma tarifa-base para o pagamento dos profissionais resultando na variabilidade dos valores cobrados, cada músico estabelecendo seu próprio preço que considera justo para seu trabalho. Por outro lado, outros músicos podem acabar sendo explorados recebendo cachês insuficientes e, comumente, sendo vistos não como trabalhadores, mas como



voluntários. Esse cenário denota a insuficiência, omissão ou até ausência do poder público na participação e no apoio à manutenção desse setor. Contudo, é crucial que o poder público compreenda que a cultura precisa ser estimulada e priorizada como um elemento fundamental para o desenvolvimento humano construindo estratégias comprometidas com sua valorização (Lopes, 2022), como foi destacado por Carolina e Bárbara:

“O setor da música da fronteira é muito desunido. Particpei do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Santana do Livramento tentando discutir com outras pessoas a questão de uma estipulação de um cachê fixo porque cada um cobra o que acha pelo seu trabalho, mas a gente já tentou discutir essas questões que tenha uma tarifa base de pagamento dos profissionais, para que a gente consiga se organizar também” (Carolina).

“É o problema de entendimento de que artista é sempre voluntário, é alguém que faz bem porque a gente nem consegue fazer outra coisa. A gente não se entende como trabalhador, nós somos fazedores de cultura. Falam: ah! Tu é fazedor, porque é voluntário, mas o fato é que dá um trabalho, se eu falar o valor do recurso, não paga quase nada! E isso é um problema que nós, com o coletivo, temos que informar e comunicar para as pessoas” (Bárbara).

O Brasil possui vasta e potente capacidade de produção cultural e, a depender do momento histórico, há (ou não) reconhecimento e liberação de recursos públicos para esse setor. A falta de equipamentos e suporte estruturado é uma problemática recorrente, que limita o pleno desenvolvimento do setor cultural, o que, na visão das artistas, não ocorre em comparação a outros setores considerados de mais valor, como conta Bárbara:

“Em situações de catástrofes naturais, como as recentes chuvas no Rio Grande do Sul, o governo oferece subsídios e recursos para setores como o agrário, garantin-

do a continuidade da produção através da compra de equipamentos e outros apoios. Entretanto, há uma cadeia nesse sentido para que a produção não pare. Mas para a arte não, o mesmo tratamento não é dado à arte. A arte é frequentemente tratada como algo excepcional, dependente de editais e projetos específicos. Impedindo que os artistas tenham uma estrutura contínua de suporte. Se houvesse um fomento constante para a compra de instrumentos, seria possível realizar mais oficinas e expandir a produção cultural de maneira mais consistente” (Bárbara).

Dida complementa enfatizando a necessidade de valorização da região da fronteira: “Brasil e Uruguai na forma de fronteira é uma oportunidade *da gente* olhar o quão é rica a nossa América, o quanto de cultura e diversidade que a gente pode explorar”. Percebe-se que a busca pela formação profissional, pela construção de redes entre mulheres para combater o machismo e a misoginia e pela valorização política e da diversidade cultural de determinado lugar podem se configurar como características do trabalho imaterial, como se verá a seguir, e é justamente, através dele, que as artistas se mobilizam para a criação do coletivo.

## CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO IMATERIAL PROPICIADAS PELO COLETIVO

O trabalho imaterial refere-se a atividades que envolvem a subjetividade do indivíduo na produção do seu trabalho e o requisitam características como o **empreendedorismo de si, redes de cooperação e performance**. O empreendedorismo de si, segundo Lazzarato e Negri (2001, p. 94), é um trabalho autônomo que demanda do indivíduo grande capacidade de cooperação, de gestão, de inovação organizativa e comercial, de realizar várias atividades concomitantes e possui, portanto, capacidade “empreendedora”. Para as entrevistadas, assim como ocorre em Biehl (2018), ser um músico na cena autoral e independente demanda conhecimentos e habilidades que vão além da música. Isso inclui a habilidade de realizar múltiplas atividades, ou seja, não basta ter



uma voz afinada, saber tocar um instrumento, ter presença de palco e ter talento musical, tem que fazer mais, tem que ser gestor financeiro e burocrático de verbas públicas, contratos, equipes, compra de materiais e prestação de contas, entre outras atividades para se manter no mercado, conforme relatado por Dida, que evidenciam o empreendedorismo de si:

“Vivo da música, é minha única fonte de renda, mas eu trabalho com aulas de canto e com o projeto pessoal que seria das músicas autorais (projeto artístico), e esse gerenciamento tem que acontecer muito concomitante um com outro, as coisas se relacionam muito. O gerenciamento da minha carreira artística envolve a parte criativa que é de composição, cantar, tocar um instrumento, e a parte burocrática, arrecadação, venda de shows, e o marketing que está relacionado às redes sociais, então é difícil gerenciar tudo” (Dida).

Bárbara associa às múltiplas atividades do exercício do seu trabalho (imaterial) ao conceito de “artista-etc” cunhado por Basbaum (2005):

“Eu sou das artes visuais, também não vivo dando aulas de arte. Faço alguns projetos esporádicos, já recebi três financiamentos, mas é uma excepcionalidade ganhar recurso para trabalhar com artes. É aquele conceito do “artista- etc” a gente não é só artista, porque a gente não consegue viver disso, tem toda uma história por trás desse conceito que inclusive explica por que a gente não consegue viver. O fato é que tem a comunicação, gestão, administração, tem um monte de coisas que, às vezes, sobra pouco espaço para ser criativo, e produzir poeticamente” (Bárbara).

Segundo Basbaum (2005, p. 167), o artista não é apenas aquele que cria obras, o papel do artista se estende para além da produção artística: “Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que podemos imaginar diversas

categorias: artista-curador, artistaescritor e etc.”. Pode-se associar a noção do artista-etc à gestão de si, que Lazzarato e Negri (2001) atribuem ao trabalho imaterial, as múltiplas funções proporcionam sensação de autonomia e liberdade mas, concomitantemente, de responsabilidade por todo o ciclo de produção, o que pode ser bastante fatigante para as artistas que, por sua vez, buscam apoio das redes cooperativas.

As redes de cooperação, aspecto inerente ao trabalho imaterial (Melo, 2015), surgem como forma eficaz das trabalhadoras independentes enfrentarem o peso de ter que gerenciar todas as facetas das suas carreiras e os desafios do mercado de trabalho. Ao se unirem, compartilham recursos, conhecimentos e contatos, ampliando oportunidades e fortalecendo capacidades individuais e coletivas. É nesse encontro das artistas em rede de cooperação que o coletivo Lunares ganha forma. Assim, as redes de cooperação também criam um ambiente propício para inovação e crescimento profissional, especialmente entre grupos minoritários, a exemplo das mulheres, como se pode ver nos relatos de Dida e Carolina:

“Eu achei a ideia muito legal, juntar mulheres para se fortalecer artisticamente, quando a gente se reúne não só a arte se fortalece, mas tudo muda! A gente se torna mais forte juntas” (Dida).

“Interferir nessa sociedade fronteiriça, estimular que as pessoas, na criação, intercâmbio de ideias, sororidade, aproximação entre mulheres no setor da música, esse compartilhamento de experiências, mas é importante tentar perdurar essa cultura que o projeto tem, essa cultura de compartilhamento, de formação de redes, de coletivo” (Carolina).

A questão do gênero – ser mulher – faz parte da identidade do coletivo. Elas deixam claro que o projeto é para todas as mulheres, que a inclusão é um valor importante em sua rede de cooperação, inclusive deixando explícito em suas redes sociais que o convite é para mulheres cis e trans, conforme *post* do Instagram, a seguir.



### Figura 4

Post do Instagram com o convite para mulheres cis e trans.



Fonte: Instagram do Proyecto Lunares Binacional.

Dida acrescenta que o fortalecimento de mulheres na arte não apenas reforça o marcador social de gênero, mas também o de raça. Ao se posicionar como uma mulher negra em espaços artísticos, ela reivindica seu lugar e desmistifica a ideia de que a presença de negros é única ou isolada. Nesse contexto, grupos minoritários, ao se unirem na diversidade, fortalecem suas carreiras (Mayrhofer, Meyer, & Steyrer, 2007) criando uma rede de apoio que promove a inclusão nos espaços artísticos.

“Me ponho na responsabilidade por ser uma mulher negra a ocupar a maioria dos espaços que eu possa ocupar com a minha arte, eu vou estar lá. É uma grande luta

que eu tenho cada vez mais fortalecido da minha arte nos últimos tempos, principalmente é de quebrar esse mito do negro único nos espaços. Por muitas vezes eu me vi sendo eu e o meu pai as únicas pessoas negras nos ambientes artísticos em ambientes digamos assim, de privilégios. Nós tivemos a oportunidade de estudar de sair dos espaços que às vezes a gente se sente enjaulado, e tudo isso através da arte e da educação então eu acho que eu sendo uma mulher negra, e estando em espaços com outras mulheres que vão me fortalecer é uma troca mútua, eu acho isso uma coisa bem importante” (Dida).

Percebe-se que a união dentro da diversidade pode ser uma ferramenta potente de empoderamento, e mudança social. Quando as artistas se juntam não estão em competição feminina, ao contrário, trabalham em sonoridade, em harmonia: “somos mulheres que fortalecem mulheres. No Lunares nós não estávamos disputando. Desde o início, nós estávamos ali trabalhando em conjunto, em harmonia e não era uma disputa individual, era uma fortalecendo a outra” (Rosilene). Para além da sonoridade, também há sororidade, que é a prática de irmandade e cooperação entre mulheres, que surge da necessidade de compartilhar experiências subjetivas, formando alianças pessoais, sociais e políticas, que empoderam essas mulheres, tal como explicam Pagel e Mello (2021) e Caldas (2022).

Outra característica do trabalho imaterial é a *performance* e a sua melhoria contínua, sobretudo no trabalho de músico, o que exige a busca pela capacidade de originalidade e criatividade, com autonomia e mentalidade do *do-it-yourself*, assumindo a responsabilidade pelo próprio trabalho, assim como mostra o estudo de Biehl (2018). O coletivo proporcionou autonomia para que as integrantes aprendessem outras atividades e performances nas suas carreiras. Silvana fala que o coletivo trouxe empoderamento para iniciar novo projeto: “Principalmente nesse sentido de pensar, caramba, eu poderia submeter um projeto e eu já tinha um sonho, há muito tempo



de montar um coral de adolescentes e finalmente esse ano estou realizando". Dida ampliou sua ideia sobre arte no interior: "Tem arte em qualquer lugar, tem muita potência até mesmo no interior do Brasil. O coletivo reforçou *pra mim* essa ideia de que onde *tu estiver, tu pode* juntar as pessoas e fazer arte, fazer trabalhos potentes". Baseando-se nisso, Rosilene comenta:

"Por meio das oficinas de formação, porque se fosse só uma oficina ela não teria o efeito que teve durante o projeto todo, porque foram várias oficinas e cada uma trouxe a sua perspectiva e contribuiu de modo diferente para que nós nos tornássemos artistas melhores porque foi o aperfeiçoamento como um todo, teve aula de canto, aula de escrita, aula de expressão corporal e cada oficina contribuiu de alguma forma" (Rosilene).

Diante disso, o trabalho imaterial nas atividades do coletivo se caracteriza pelo empreendedorismo de si, evidenciado para além das demandas artísticas, as entrevistadas também são responsáveis pela gestão, e inovação constante de suas carreiras, desempenhando múltiplas funções entendidas como "artista-etc". As redes de cooperação são essenciais para o trabalho imaterial, e no coletivo fica evidente que a união ocorre por uma questão de gênero e de profissão, são mulheres artísticas que se unem para colaboração mútua, combatendo preconceitos e praticando a sororidade para se manter no mercado. A performance, crucial para demonstrar as competências e produtividade necessária no trabalho musical imaterial, também é aperfeiçoada no coletivo, elas se unem para aprender com os oficinairos convidados e umas com as outras. Através das aulas e oficinas as artistas melhoraram suas *performances* adquirindo mais sonoridade, autoconfiança e autonomia para desenvolver novos projetos.

## CULTURA FRONTEIRIÇA ENQUANTO MANIFESTAÇÃO DO TRABALHO IMATERIAL DO COLETIVO

No estudo de Martins e Scherer (2023), a cultura fronteiriça é entendida como um traço que evidencia a identidade cultural de uma fronteira, como ocorre na mescla das culturas brasileira e uruguaia. Essa identidade única contribui para o desenvolvimento de carreiras fronteiriças, e é evidenciado no trabalho imaterial do coletivo Lunares através: **do idioma portunhol, das produções artísticas e das redes institucionais que contemplam a identidade binacional e fronteiriça.**

Um exemplo notável da cultura fronteiriça no trabalho imaterial do coletivo é o fenômeno linguístico conhecido como portunhol, caracterizado pela mistura entre o português e o espanhol através de palavras e elementos fonéticos (Martins & Scherer, 2023). Essa mistura não apenas facilita a comunicação entre falantes dos dois idiomas, mas também reflete a identidade cultural única das comunidades fronteiriças.

Nota-se esse fenômeno nas redes sociais do Lunares. As legendas e os vídeos nos *posts* do Instagram são escritos e falados, por vezes, em espanhol, por vezes em português e por vezes, em portunhol. Rosilene corrobora: "Eu acho que o principal elemento da cultura fronteiriça é o de idioma, porque ali nós acabamos falando português, espanhol e portunhol, porque, às vezes, as palavras se confundem. A gente pensava em português, respondia em espanhol e vice-versa". Dida complementa que "a diversidade de gêneros musicais, jeito de cantar, falar, declamar a poesia" são elementos da cultura fronteiriça através da língua. Tais exemplos se configuram como traços do trabalho imaterial, já que os modos de falar próprios da fronteira constituem a subjetividade das artistas impressa nas atividades do coletivo, constituindo-se, uma característica que diferencia esse coletivo.



## Figura 5

### *Post do Instagram em espanhol e português.*

lunaresbinacional • ES: En diciembre se viene LUNARES!

El primer proyecto de la frontera Santana do Livramento/Rivera destinado a mujeres cantautoras que trabajan en la música! 🎵

• PT: Em dezembro LUNARES vem aí! O primeiro projeto da fronteira destinado a mulheres compositoras e musicistas que trabalham na área da música!

• ES: Serán seleccionadas 4 mujeres que sean compositoras y toquen instrumentos para participar de talleres y capacitaciones, para aprender sobre la inserción en el mercado de la música.

• PT: Serão selecionadas 4 mulheres compositoras e instrumentistas para participar de oficinas e capacitações, para aprender a se inserir no mercado da música.

! Súmate a Lunares! Difundí esta oportunidad y nos vemos en diciembre! 🍌🌸🌙

#fronteiradapaz #mujeresenlamusica  
#santanadolivramento #rivera #mec #uruguay  
#brasil #binacional #masmusicasuy  
#masmujeresenlamusica #lunaresbinacional

Fonte: Instagram do Proyecto Lunares Binacional.

Outros elementos em que se nota a cultura fronteiriça se manifestando no trabalho imaterial das participantes do coletivo são produtos artísticos autorais, como um projeto de intervenção artística desenvolvido por Bárbara, e uma letra de música escrita por Carolina.

Em seu projeto, Bárbara apresenta sua produção artística concebida a partir da experiência em habitar a zona de fronteira entre as cidades-gêmeas Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. A produtora criou almofadas de tecido cinza no formato dos marcos fronteiros, em tamanho e cor próximos ao real dos marcos fronteiros, que são feitos de pedra. Um marco fronteiro é o que identifica o limite de uma fronteira terrestre e há vários espalhados na linha imaginária dessa região. As almofadas foram levadas para escolas e universidades para

instigar o debate sobre a linha divisória, levantando um novo significado à representação dos marcos, ironizando as demarcações colonizadoras que eles simbolizam. As imagens a seguir ilustram a ideia do projeto.

## Figura 6

### *Marco fronteiro real - Brasil e Uruguay.*



Fonte: Acervo próprio.

## Figura 7

### *Post do Instagram dos marcos de almofadas, enquanto intervenção artística.*



Fonte: Instagram da artista Bárbara.

As imagens da figura 6 mostram os dois lados de um marco fronteiro real demarcando a linha imaginária, que separa o Uruguai do Brasil. E as imagens da figura 7 mostram os marcos de almofadas em exposição: um deles em cima de um marco real, outro em exposição em uma universidade e outro em cima do palco em um auditório, em que ocorria um evento binacional e que a banda de Bárbara se apresentou. Ressalta-se



que essa intervenção artística também resultou na escrita de sua dissertação de mestrado “Poéticas platinas: passos de(s)marcatórios sobre o território fronteiro compartilhado” (Costa, 2023).

Carolina compôs a letra de uma música intitulada Santera – junção dos nomes das cidades Santana do Livramento e Rivera. Em um dos seus vídeos do YouTube, ela explica que a composição aborda sobre o que é ser fronteiro, uma condição única que influencia a identidade, e a vida cotidiana das pessoas que compartilham a fronteira, como pode ser evidenciado neste trecho da letra:

Foi na fronteira que eu me vi crescer

Aprendi a pertencer

Vivendo na beira

Livramento, Rivera

Nosso velho oeste

Verde, amarelo, celeste

É só cruzar a rua

É a mesma lua

Ninguém esquece

O que é uma linha

E quem costura essa mistura?

Que é tua e minha

Não se faz sozinha

Da minha identidade

Fronteriza de verdade

Nunca esqueço e reconheço

Minha terceira nacionalidade

(Refrão)

Es lindo verte despierta

Santera!

Frontera abierta

Tu línea trazando un marco

Por mis venas abiertas

Notam-se, na intervenção artística e na letra da música, elementos que compõem a subjetividade das artistas, como sua infância e crescimento nessa fronteira aberta, onde é possível cruzar uma linha e ficar com um pé em cada país. Carolina remete às cores da bandeira do Brasil (verde e amarelo) e do Uruguai (azul celeste) ao ponto dela entender poeticamente que ser fronteiro é sua terceira nacionalidade. Portanto, ser fronteiro não é apenas viver na linha divisória entre dois países, mas também é uma identidade que transcende fronteiras políticas e geográficas. Essa identidade é moldada pela interação constante entre diferentes culturas, idiomas, práticas sociais, culturais e elementos físicos dos dois países e está inteiramente presente em suas produções artísticas, como em Montanari *et al.* (2021). Isso remete ao sujeito indispensável à produção do seu trabalho e a sua interação com o contexto social e seus vínculos afetivos impressos no seu trabalho (Pelbart, 2000; Mansano, 2009), o que caracteriza o trabalho imaterial.

O exercício do trabalho imaterial também acontece pelas redes institucionais (Lopes, 2022). No caso do coletivo, há participação de instituições públicas brasileiras e uruguaias, cujos serviços alcançam cidadãos de ambas as nacionalidades da fronteira. O apoio das instituições de ensino é crucial para a concretização do projeto Lunares, que teve sua origem durante uma atividade em sala de aula na Universidade Federal do Pampa, localizada no lado brasileiro, onde Silvana e Carolina faziam graduação. Silvana, relembra sua contribuição desde o primeiro projeto realizado por Carolina na universidade: “foi muito legal ver a ideia tomar forma, amadurecer, e tornar uma coisa real, que tem aplicação na vida das pessoas”.

O apoio político do Uruguai desempenhou um papel fundamental na realização deste projeto fronteiro. Os recursos financeiros recebidos pelo coletivo, por meio de edital de política pública uruguaia, possibilitaram a integração entre os dois países, permitindo a participação de artistas brasileiras e uruguaias, que se apresentaram em ambos os lados da fronteira fazendo *shows*, com pé lá, outro cá, em eventos que fazem jus ao título dado à região: Fronteira da Paz.



O Proyecto Lunares contribui para preservar e agregar valor à identidade cultural fronteiriça, com uma cultura de agregação, de união entre as participantes, tal como Calasans e Davel (2021) afirmam que ocorre em carreiras criativas, o que é refletido na fala de Dida: “O projeto reforça a minha identidade de mulher fronteiriça. Eu acho que o Lunares é isso, agregar mulheres. Somos *hermanas*, Brasil e Uruguai todo mundo junto”. A integração foi essencial para o sucesso do projeto, ao trabalharem juntas, elas criaram algo maior do que poderiam ter feito sozinhas, como também relata Rosilene:

“A integração de mulheres, brasileiras e uruguaias e a contribuição de cada uma para o projeto foi muito grande, cada uma com seus valores, suas histórias pessoais. Nós participamos desse projeto da fronteira mais irmã do mundo então essa integração foi muito importante e também muito bonita” (Rosilene).

Diante do exposto, a cultura fronteiriça, enquanto subjetividade manifestada via trabalho imaterial do coletivo, revela-se nas expressões que ultrapassam as barreiras geográficas, como o uso do portunhol, simbolizando a união de culturas na fronteira Brasil-Uruguai. Essa troca cultural também está presente nos projetos artísticos autorais, como intervenções artísticas e letra de música. As instituições públicas de ambos os países, por sua vez, estimulam essas interações fomentando a cultura binacional e as mulheres buscam participar e estar presentes nessas instituições por entenderem ser o melhor (e, às vezes, o único caminho) para materializar seus projetos.

Nesse sentido, o coletivo produz arte para esta região de fronteira, levando consigo o protagonismo feminino político e inovador de seus modos de fazer arte e, concomitantemente, levando consigo a singularidade de ser fronteiriço. A valorização de si – da cultura da sua localidade – se aprofunda com as vivências do coletivo e faz engendrar um processo de subjetividade que é impresso no trabalho imaterial quando estão juntas e que reverbera em projetos individuais para a carreira de cada uma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral ana-

lisar o trabalho imaterial na carreira de mulheres pertencentes a um coletivo musical na Fronteira da Paz. Destaca-se que o Proyecto Lunares Binacional surge em prol da carreira de mulheres artistas nas cidades Santana do Livramento, Brasil, e Rivera, Uruguai. Os resultados demonstraram que o coletivo acontece a partir do trabalho imaterial que se evidencia no empreendedorismo de si, na melhoria de performance artística, na criação de redes de cooperação com foco no gênero, na profissão musical, e na cultura fronteiriça inerente à existência das artistas.

Nesse sentido, a iniciativa do Proyecto Lunares Binacional revela-se inovadora, sobretudo pela questão de gênero e de origem binacional, ao articular elementos culturais fronteiriços em produções artísticas que transcendem barreiras geográficas e promovem a união entre mulheres de diferentes nacionalidades. Embora haja outras iniciativas de coletivos artísticos, especialmente em contextos urbanos ou voltados para grupos minoritários, o caráter binacional e fronteiriço do Lunares, aliado à integração cultural promovida pelo portunhol e pelo apoio institucional de dois países, torna-o único em seu propósito e execução. Ademais, o coletivo une essas mulheres não apenas a ganhar força com as habilidades individuais de cada uma, mas para que elas, juntas, estudem, se qualifiquem, atuem politicamente, compreendam os desafios do mercado artístico-musical e adquiram autoconfiança e mais autonomia para lançarem seus novos projetos de carreira individual. Essa singularidade destaca sua relevância como modelo para iniciativas futuras, enfatizando a importância de fomentar redes cooperativas que valorizem a diversidade cultural e promovam o empoderamento de todas as mulheres em contextos de fronteira.

Revela-se, portanto, que um dos achados mais importantes foi a combinação entre sonoridade e sororidade como sustentação dos modos de viver e trabalhar conjunto dessas artistas. A sonoridade é entendida como a busca pela carreira artística harmoniosa e que valoriza aspectos socioculturais do Brasil e do Uruguai e a sororidade, como um elo de solidariedade entre mulheres para combater a misoginia no mercado musical. Essa combinação fortalece o modo de operar do trabalho imaterial com ênfase na importância da sororidade na carreira profissional das mulhe-



res no contexto de um coletivo musical em uma fronteira Brasil-Uruguai, mostrando como a cooperação e o apoio mútuo são fundamentais para o desenvolvimento e a resistência dessas artistas.

Como contribuição prática, esse estudo traz luz à necessidade de apoio político, e investimento público para valorização do trabalho imaterial das mulheres artistas na sua região, sobretudo, por darem ênfase e rentabilizarem a cultura fronteiriça, o que também traz visibilidade, e movimentam economicamente ambas as cidades. Este estudo oferece ao coletivo Lunares um reconhecimento teórico da importância de seu trabalho, argumentos práticos para buscar apoio público, e investimentos para outras edições.

A pesquisa teve como limitação não conseguir realizar o grupo de discussão com maior número de participantes do coletivo, devido à agenda das participantes, e aos impactos recentes ao período de calamidade pública em decorrência das inundações no estado do Rio Grande do Sul, pois algumas integrantes estavam em áreas que foram afetadas. Também não foi possível maior participação de mulheres uruguayas ou *dobles chapas*, pois muitas declinaram o convite por falta de agenda, por estarem envolvidas com suas carreiras. Ainda assim, o caráter fronteiriço da pesquisa pode ser capturado com a análise das redes sociais e relatos das participantes brasileiras e *dobles chapas*.

Por fim, como sugestão para estudos futuros, propõe-se olhar para projetos coletivos de outros segmentos na referida região de fronteira que também enfatizam a imaterialidade e a cultura fronteiriça em seus negócios, a exemplo de coletivos de agricultura familiar e produtos coloniais que poderiam ser investigados para compreender como pequenos produtores utilizam práticas colaborativas no fortalecimento do seu trabalho, bem como o impacto das redes de cooperação em aspectos como sustentabilidade, valorização do conhecimento tradicional e o desenvolvimento da economia local da região do pampa, bioma que alcança ambos os países. Esses coletivos promovem a identidade fronteiriça como diferencial, além disso são atrativos turísticos na região, mas também enfrentam desafios, aspectos que merecem atenção em futuras pesquisas.

## AGRADECIMENTO:

Agradecimento à FAPERGS pelo apoio financeiro nº 23/2551-0000814-9 e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PI-BIC) - CNPq/UNIPAMPA

## REFERÊNCIAS

- Basbaum, R. (2013). Manual do artista-etc. Beco do Azogue.
- Beltramini, L. M., Cepellos, V. M., & Pereira, J. J. (2022). Mulheres jovens, “teto de vidro” e estratégias para o enfrentamento de paredes de cristal. *Revista de Administração de Empresas*, 62(6), 1-25, e2021-0073.
- Biehl, C. (2018). Trabalho imaterial e estratégia de viver a vida em busca de afinação: o músico da cena autoral e independente. Dissertação de mestrado em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Calasans, R. G., & Davel, E. (2021). Gestão de carreiras criativas, identidade e liderança coletiva: A visão compartilhada do baianasystem. *Revista de Carreira e Pessoas*, 11(1), 114-136.
- Caldas, J. S. (2022) Coletivos feministas de mães universitárias: apoio mútuo e luta por reconhecimento institucional. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Costa, B. L. (2023). Poéticas platinas: Passos de(s) marcatórios sobre o território fronteiriço compartilhado. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil.
- De Vos, A. (2024). Enhancing the sustainability of careers in disruptive times. *Journal of the National Institute for Career Education and Counselling*, 53(1), 8-17.
- Dutra, J. S., & Veloso, E. F. R. (2013). Desafios da gestão de carreira. Atlas.
- Godoy, A. S. (2010). Estudo de caso qualitativo. In: Godoi, C. K., Mello, R. B., & Silva, A. B. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos* (2nd ed.). São Paulo: Saraiva.



- Godoi, C. K., & Balsini, C. P. V. (2010). A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros. In: Godoi, C. K., Mello, R. B., & Silva, A. B. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos* (2nd ed.). São Paulo: Saraiva.
- Godoi, C. K., & Mattos, P. L. C. L. (2010). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: Godoi, C. K., Mello, R. B., & Silva, A. B. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos* (2nd ed.). São Paulo: Saraiva.
- Godoi, C. K. (2015). Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, 55(6), 632-644.
- Gunz, H., Mayrhofer, W., & Tolbert, P. (2011). Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. *Organization Studies*, 32(12), 1613-1620.
- Lazzarato, M., & Negri, A. (2001). *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção da subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lazzaretti, K., & Godoi, C. K. (2013). A Participação Feminina nos Conselhos de Administração das Empresas Brasileiras: uma análise das características de formação acadêmica e experiência profissional à luz da teoria do capital humano. *Revista Gestão & Conexões*, 1(1), 159-186.
- Lima, C. R. N. A. (2018). Gênero, trabalho e cidadania: Função igual, tratamento salarial desigual. *Revista Estudos Feministas*, 26(3), 1-19.
- Lopes, S. C. G. (2022). O trabalho imaterial do músico erudito: as relações de trabalho e as políticas públicas de incentivo à cultura. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.
- Mansano, S. R. V. (2009). Transformações da subjetividade no exercício do trabalho imaterial. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2), 512-524.
- Martins, L. P., & Scherer, L. A. (2023). Aqui não tem fronteira... fronteiroço é ser brasileiro e uruguaio misturado: O hibridismo de identidades culturais no desenvolvimento de carreiras na Fronteira da Paz. *Anais do Seminários em Administração - SemAd 2023*, São Paulo, SP, Brasil, XXVI.
- Mayrhofer, W., Meyer, M., & Steyrer, J. (2007). Contextual issues in the study of careers. In: Gunz, H., & Peiperl, M. (Eds.), *Career studies*. Sage Publications.
- Melo, S. M. C. (2015) *Artistas e empreendedores: um estudo sobre o trabalho criativo na economia do imaterial*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Montanari, F., Mizzau, L., Razzoli, D., & Rodighiero, S. (2021). City context and subjective career success: How does creative workers' need for recognition filter city identity? *Human Relations*, 74(5).
- Moterani, G. M. B., & Carvalho, F. M. (2016). Misoginia: A violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Avesso do Avesso*, 14(14), 167-178.
- Pagel, G. C., & Mello, C. P. N. (2021). Redes feministas: A potência insurgente das hashtags #ChegadeFiuFiu, #PrimeiroAssédio e #EleNão. *Revista Eco-Pós*, 24(2), 587-626.
- Pelbart, P. P. (2000). A vertigem por um fio: Políticas de subjetividade contemporânea. *Iluminuras*.
- Rocha, L. N. (2009). *Coletivos artísticos brasileiros: Um estudo de casos sobre discurso e subjetividade política nos processos colaborativos em artes*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.
- Rodríguez, V. M. G., Maiuri del Buono, C., & Marín Díaz, J. (2024). Navegando nos ambientes BANI: desafios e oportunidades em um mundo em mudança. *Revista EDICIC*, 4, 1-19.
- Watson, A., Watson, J. B., & Tompkins, L. (2022). Does social media pay for music artists? Quantitative evidence on the co-evolution of social media, streaming and live music. *Journal of Cultural Economy*, 16(1), 32-46.
- Woltés, V., & Fernández, A. (2023). VUCA environments before the recession caused by Covid-19: a systematic literature review. *Tec Empresarial*, 17(1), 53-69.